

discurso

Revista do Departamento de Filosofia da USP n. 43 - 2013



Universidade de São Paulo

Reitor: João Grandino Rodas

Vice-Reitor: Hélio Nogueira da Cruz

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretor: Sérgio França Adorno de Abreu

Vice-Diretor: João Roberto Gomes de Faria

Departamento de Filosofia

Chefe: Milton Meira do Nascimento

Vice-Chefe: Caetano Ernesto Plastino

Editores Executivos

Milton Meira do Nascimento, Oliver Tölle, Pedro Fernandes Galé, Marie

Marcia Pedroso

Comissão Executiva

Homero Silveira Santiago, Lorenzo Mammì, Marco Sacrini Aguiar Ferraz,

Márcio Suzuki, Maurício Cardoso Keinert, Pedro Paulo Pimenta

discurso

Revista do Departamento de Filosofia da USP

Conselho Editorial

Baltazar Barbosa †, Benedito Nunes †, Bento Prado Júnior †, Danilo Marcondes (PUC-RJ), Francis Wolff (École Normale Supérieure – Paris), Gerd Bornheim †, Gilles-Gaston Granger (Collège de France), Guido de Almeida (UFRJ), Henrique C. de Lima Vaz †, João Paulo Gomes Monteiro (USP), José Arthur Giannotti (Cebrap/USP), Marcos Müller (Unicamp), Maria Sylvia de Carvalho (USP/Unicamp), Marilena de Souza Chaui (USP), Michel Paty (Universidade de Paris VII), Newton Carneiro Affonso da Costa (USP), Oswaldo Chateaubriand (UFRJ), Oswaldo Porchat de Assis Pereira da Silva (USP), Otília Beatriz Fiori Arantes (USP), Paulo Eduardo Arantes (USP), Raul Landim Filho (UFRJ), Rubens Rodrigues Torres Filho (USP), Ruy Fausto (Universidade de Paris VIII/USP), Victor Knoll (USP)

n. 43 – 2013

ISSN 0103-328X

Publicação anual

Endereço para correspondência:

Departamento de Filosofia – FFLCH – USP

Av. Prof. Luciano Gualberto, 315

CEP 05508-900

Tel./Fax: (11) 3091-3761

E-mail: publicdf@usp.br

Bibliotecária Assessora: Sônia Marisa Luchetti

Secretária: Marie Márcia Pedroso

Tiragem: 1.000 exemplares



discurso

ÍNDICE

Inês de Castro e a Doutrina-da-Ciência

Rubens Rodrigues Torres Filho

9

Ideias estéticas e imaginação poética em Hölderlin

Ulisses Razzante Vaccari

19

David Hume e o “curioso ajuste das causas finais”

Fernão de Oliveira Salles

51

Da liberdade e da necessidade, ou das ações voluntárias em

Hume

Maria Adriana Camargo Cappello

77

Aquém das miragens: a negatividade no âmago da experiência

Rita Paiva

105

Genealogia do psíquico. Sobre *A transcendência do ego –*

esboço de uma descrição fenomenológica, de Jean-Paul

Sartre

Alexandre de Oliveira Torres Carrasco

147

Linguagem e inconsciente em Lacan

Ana Carolina Soliva Soria

171

Abaixo de zero: psicanálise, política e o “*deficit* de negatividade” em Axel Honneth

Vladimir Safatle

191

Sobre o estudo da filosofia indiana

Marcus Sacrini

229

A concepção metafísica de Descartes da ciência e da representação mecanicista da natureza

J. R. N. Chiappin

253

Kant, Crítica da razão pura (Resenha)

Luciano Codato

291

Sobre a taxonomia dos transtornos mentais (Resenha)

Ian Hacking

301

Perfil de Rousseau

William Hazlitt

315

Resumos | *Abstracts*

325

Inês de Castro e a Doutrina-da-Ciência¹

Rubens Rodrigues Torres Filho

Professor aposentado do Departamento de Filosofia da USP

¹ Uma primeira versão deste artigo foi publicada na *Folha de S. Paulo* em 12 de junho de 1987. Tendo se tornado uma referência em estudos de literatura portuguesa, é aqui publicado com pequenas modificações e o acréscimo do texto do poema de Camões, no final. [NE]

discurso 43

No ano de 1810, em Berlim, a nova revista *Pantheon, Zeitschrift fuer Wissenschaft und Kunst (Periódico para Ciência e Arte*; Bueching e Kannegiesser, Berlim, 1810) traz como abertura de seu primeiro número, ocupando as oito primeiras páginas, um longo poema, com a indicação: “Dos Lusíadas de Camões / Canto 3, Estança 118”, numa tradução assinada pelo célebre e discutido filósofo Johann Gottlieb Fichte. São, na realidade, as estrofes 118 a 135, isto é, o trecho da epopeia que se tornou conhecido como “o episódio de Inês de Castro”, recortado exatamente como o fariam as futuras antologias. O tradutor, que já se destacara como criador da Doutrina-da-Ciência, a grandiosa *Wissenschaftslehre* (1794) que se propunha a ser o primeiro (e, a seu ver, o único possível) sistema de filosofia científica estabelecida depois da *Crítica da razão pura* de Kant; como autor dos *Discursos à nação alemã* e como fundador do hoje chamado “idealismo alemão”, era figura de grande evidência e trazia a público, agora, uma nova faceta de seu gênio. Havia aprendido o idioma lusitano, justamente com a intenção de ler *Os Lusíadas*, na esteira de seus estudos de italiano e espanhol, que conduziram a várias traduções de Cervantes, de Petrarca e mesmo do canto 1 da *Divina Comédia*, bem como à composição do histórico ensaio “Maquiavel como escritor e trechos de seus escritos”, que apresentava esse autor ao público alemão e introduziu o pensamento de Maquiavel entre as preocupações dos pensadores de seu tempo. (Publicado, em português, no nº 9 da revista *Almanaque*).

O filósofo, no contexto das questões que nutrem permanentemente sua reflexão, terá escolhido em especial esse episódio, fascinado, talvez, pelo destino da personagem feminina (“...a terna, pobre mártir/ Que primeiro foi morta e então rainha!”), numa tradução literal da versão fichtiana) – que lhe lembra o de Eugenie, a heroína da peça de Goethe, *A Filha Natural*, a mulher destruída pela trama da política. (Pode-se encontrar o comentário de Fichte sobre Eugenie incluso no ensaio “A Filha Natural em Berlim” do meu livro *Ensaio de Filosofia Ilustrada*). A tradução

está em decassílabos, rimados, respeitando rítmica e rimicamente a estrutura do original e tomando em relação a ele certas rigorosas liberdades, que se verão.

Simplemente para ajudar o leitor no necessário cotejo, aqui vai uma tradução meramente literal, palavra por palavra, sem metro nem rima, do texto alemão composto por Fichte:

119. Unicamente por ti, por teu onipotente anseio,/ Ó puro amor, morreu esse ornato dos tempos,/ Como se pudesses imaginá-la tua inimiga,/ Essa fiel, a quem tua mais bela recompensa era devida./ Bem se diz, Amor, que por amargas lágrimas/ Não é aquietada tua feroz avidez;/ Deve sangue humano, agora, fluir do altar/ Para doce repasto de teus olhos, bárbaro?

124. Para ele, cujo coração bem gostaria de reconciliar-se,/ Ela é arrastada por selvagens monstros,/ E conseguem as vozes, ávidas de matança,/ Da plebe, afogear de novo sua cólera./ Ela porém – suplicante e com ansiosos gemidos,/ Extorquidos pela compaixão, apenas, por seu caro/ E pelas crianças, que sob o coração/ ele trazia, que mais que a própria morte lhe doe;

125. Os olhos erguendo para a brandura do céu,/ Dos quais rolava uma grande lágrima,/ (Os olhos, pois as mãos segurava o selvagem/ Servo-assassino, que queria metê-las em grillhões)/ Depois baixando-os para a terna imagem das crianças,/ Que agora haveria de abandonar/ Na orfandade, solitárias, sem proteção e conselheiro –/ Assim fala ao avô cruel:

126. Se animais selvagens, cujo senso para o ódio/ A natureza determina, e os reveste de gelo,/ As aves do deserto que, para apanhar a presa/ E de outro modo não, aventuram o vôo nas nuvens,/ Com crianças pequenas que veem abandonadas,/ Têm tal delicada compaixão e piedade/ Como se viu no caso da mãe de Nino/ E dos irmãos que edificaram Roma;

127. Tem tu também, cujo coração bate perfluído pelo cálido/
Sangue humano (caso seja de chamá-lo/ Humano, dar a morte a
uma pobre coitada,/ Apenas porque seu coração em amor teve de
inflamar-se),/ Tem com estes pequenos a piedade./ Que em meu
julgamento é preciso ignorar./ Possa a desgraça deles suscitar em
ti compaixão,/ Já que minha inocência não é capaz de mover-te.

135. Do feito *Para eterna memória*, tornam/ As filhas do Mon-
dego, que por longo tempo a lamentam,/ Em uma fonte as lágrimas
ali choradas / E dão-lhe o nome que ela há de portar/ Por
todos os tempos: ainda agora nutrem-se,/ Ali onde Inês viveu e
amou em seus dias,/ De uma fonte os brotos das flores,/ Cujas água
são lágrimas, o nome: amor.

Observe-se, desde logo: a liberdade poética da tradução, que permitiu, logo na estrofe inicial (118), traduzir “a lusitana terra” por “des Tajos schoenen Becken”, (– não como defeito, mas como efeito), guiado por normas precisas; o uso de palavras como *Sehnen* e *Trieb*, que em outro contexto definem conceitos intrafilosóficos bem determinados; o uso diferenciado do verbo *schlagen*, cujo primeiro sentido é golpear, bater”, mas que em alemão tem uma grande plasticidade; jogos aliterativos como “der Zeiten Zierde, grimme Gierde”; o exacerbamento de certas imagens, muitas vezes magnificadas em afresco, como é o caso da “sede de sangue pelos olhos” do deus Amor, que lembra aquela imagem do *Pierrot Lunaire*: “der Wein, den man mit Augen trinkt”; a impossibilidade de algumas inversões estilísticas – porque, por exemplo, em alemão, a anteposição do adjetivo é regra fixa – compensada por outras estranhezas gramaticais, como, na estrofe 125, acontece com o verbo *niedersenken*, que gramaticalmente teria de ser construído *senkend... nieder*, e não ao contrário; a escolha das rimas, muitas vezes procurando rimar toantemente com a própria rima do original (estrofe 119, por exemplo); a imagem do “sangue humano” e de seu “fluir” retomada, dessa estrofe, na estrofe 126,

para substituir “o gesto e o peito”, e assim a presença na estrofe de dois corações, contando-se o do Rei, introduzido na primeira linha da estrofe 124.

Essas e outras louçanias, que a tradução simplesmente auxiliar oferecida nesta nota não pode, naturalmente, reproduzir, haveriam de ser um bom ponto de partida para um estudo sobre a nova *Darstellung* ou *exhibitio* que o filósofo alemão quis dar ao exemplar episódio camoniano. Resta o ideal de uma verdadeira tradução, ou da tradução ideal do poema fichtiano, exigindo então, evidentemente, vários anos e o trabalho de vários irmãos Campos, que pondo em ação os recursos da transcrição pudessem chegar por fim a um texto idêntico ao de Camões.

Camões por Fichte:

119

Allein durch dich, durch dein allmacechtig Sehnen,
 O reine Lieb', erstan der Zeiten Zierde,
 Als duerftest Du sie deine Feindin waehnen,
 Die treue, der dein schoenster Lohn gebuehrte.
 Wohl sagt man, Amor, dass durch bittre Thraenen
 Gestillt nicht werde deine grimme Gierde;
 Soll Menschenblut nun stroemen vom Altare
 Zur suessen Augenweide dir, Barbare?

124

Zu ihm, dess Herz wohl moechte sich versoehnen,
 Wird sie geschleppt von wilden Ungeheuern,
 Und es gelingt den mordbegier'gen Toenen
 Des Poebels, seinen Zorn neu anzufeuern.
 Sie aber – flehend und mit bangem Stoehnen,

Erpresst Von Mitleid bloss mit ihrem Theuern
 Und mit den Kindern, die sie unterm Herzen
 Ihm trug, die mehr denn eigner Tod sie schmerzen;

125

Die Augen hebend zu des Himmels Milde
 Aus denen eine grosse Zaehre rollte,
 (Die Augen, denn die Haende hielt der Wilde
 Mordknecht, der sie in Fesseln schlagen wollte)
 Dann nieder auf der Kinder zarte Bilde
 Sie senend, die sie jetzt verlassen sollte
 Verwaiset, einsam, ohne Schutz und Rather –
 Spricht also na den grausamen Grossvater:

126

Wenn wilde Thiere, deren Sinn zum Hassen
 Natur bestimmt, und Eis um sie geschlagen,
 Der Wuste Voegel, die, um Raub zu fassen
 Und anders nicht, den Flug in Wolken wagen,
 Mit kleinen Kindern, die sie seh'n verlassen,
 Solch zaertlich Mitleid und Erbamen tragen,
 Wie man Ninus Mutter hat geschauet,
 Und an den Bruedern, welche Rom erhaubet;

127

So trag auch du, dess Herz durchstroemt vom warmen
 Menschlichen Blute schlaegt (falls es zu nennen
 Menschlich, den Tod zu geben einer Armen,
 Bloss weil ihr Herz Liebe musst' entbrennen),
 Trage mit diesen Kleinen das Erbarmen,
 Das man in meinem Urtheil muss verkennen.

Moeg ihre Noth Mitleid in dir erregen,
Da meine Unschuld dich nicht kann bewegen!

135

Der That zum ewigen Andenken kehren
Mondego's Toechter, die sie lange klagen,
In einen Quell die da geweinten Zaehren,
Und geben ihm den Namen, den er tragen
Auf alle Zeiten soll: noch jetzo naehren
Wo Iignes lebt und liebt in ihren Tagen,
Von einem Quelle sich der Blumen Triebe,
Dess Wasser Zaehren sind, der Name: Liebe.

Camões:

119

Tu, só tu, puro amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

124

Traziam-na os horríficos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo, com falsas e ferozes
Razões, à morte crua o persuade.
Ela, com tristes e piedosas vozes,

Saídas só da mágoa e saudade
Do seu Príncipe e filhos, que deixava,
Que mais que a própria morte a magoava,

125

Pera o céu cristalino alevantando,
Com lágrimas os olhos piedosos
(Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos),
E depois, nos mininos atentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orfandade como mãe temia,
Pera o avô cruel assi dizia:

126

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aéreas tem o intento,
Com pequenas crianças viu a gente
Terem tão piedoso sentimento
Como co a mãe de Nino já mostraram,
E cos irmãos que Roma edificaram:

127

Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito
(Se de humano é matar u'a donzela,
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la),
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens à morte escura dela;

Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

135

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E, por memória eterna, em fonte pura
As lágrimas choradas transformaram.
O nome lhe puseram, que inda dura,
“Dos amores de Inês”, que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lágrimas são a água, e o nome Amores.